
O Papel dos Intelectuais na Legitimação da Candidatura de Dilma Rousseff (PT) à Presidência da República em 2014¹

Thamiris Franco Martins²

Paulo Roberto Figueira Leal³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG

RESUMO

A proposta de trabalho é realizar um estudo verificando o papel dos intelectuais em prol da candidatura de Dilma Rousseff (PT) ao cargo de Presidente da República na eleição de 2014. Para tanto, os *corpus* de análise é o manifesto de artistas e intelectuais e alguns vídeos de intelectuais disponíveis no *youtube* apoiando Dilma Rousseff. Parte-se da hipótese de que os intelectuais utilizam como justificativa, para o apoio a candidata Dilma, os avanços que o Brasil vem tendo e as suas características personalistas. O artigo traz uma discussão acerca de poder e suas relações com a comunicação, política e intelectuais; a interface entre o campo da política, mídia e intelectuais; os diversos tipos de intelectuais e por fim a análise.

Palavras-chave: poder; comunicação; política; intelectuais;

Introdução

Ao estudar o campo intelectual, podem-se encontrar diversas conceituações para o termo. Acredita-se que os intelectuais sempre estiveram presentes na sociedade. Falar da morte dos intelectuais entende-se como um erro. Parte-se da ideia de Reis Filho (2000) de que o intelectual não é necessariamente o homem das ‘letras’, mas sim mediadores e divulgadores, pessoas políticas e homens de ideias, que desempenham na sociedade uma função e têm um interesse coletivo. Nesse sentido, os professores, economistas, ativistas sociais, profissionais da saúde, artistas, etc, assumiram na campanha de Dilma a função de um intelectual.

São cada vez mais visíveis na contemporaneidade as relações de poder emanadas de fenômenos ou processos comunicacionais. Nesse sentido, defende-se a ideia de Foucault (2003), de que o poder funciona em rede, como mecanismos sociais de disciplinar os indivíduos, modelando seus discursos e desejos. Com base nisso, é possível observar a abordagem do poder na política, nas organizações, nos meios de comunicações, no campo intelectual e em outras esferas da sociedade. O poder que os intelectuais dispõem é o ideológico, disseminado por meio das palavras, expressões e ideias, podendo influenciar o

¹Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: thamiris_franco@hotmail.com.

³Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) e do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social (FACOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: pabeto.figueira@uol.com.br.

comportamento de quem lê ou escuta. Assim, torna-se importante o apoio dos intelectuais para uma candidatura.

A proposta de trabalho é realizar um estudo verificando o papel dos intelectuais em favor da candidatura de Dilma Rousseff (PT) ao cargo de Presidente da República na eleição de 2014. Para tanto, utiliza-se a Análise de Conteúdo com base em Bardin (1977). Como *corpus* de análise é utilizado primeiramente o conteúdo do manifesto de artistas e intelectuais denominado: “a primavera do direito de todos: ganhar para avançar”. Posteriormente, analisam-se alguns vídeos disponíveis no *youtube* que correspondiam ao apoio de intelectuais à reeleição de Dilma. Eles foram caracterizados como: a) o apoio de intelectuais do universo artístico e cultural; b) os intelectuais do universo acadêmico; c) os intelectuais dos movimentos sociais e das minorias; d) os intelectuais do universo de especialista. A partir dessa seleção, verifica-se quem são esses intelectuais que apoiam Dilma, o conteúdo e a justificativa que eles utilizam. Parte-se da hipótese de que os intelectuais enfatizarão que o país está bom e pode ficar ainda melhor, caso Dilma vencesse as eleições e que, eles enfatizarão as características personalistas da candidata como justificativa de voto.

1. As Múltiplas Facetas do Poder e suas Relações com a Comunicação, Política e Intelectuais

Ao tratar das conceituações do termo “poder”, podem ser encontradas diferentes abordagens. Japiassú e Marcondes (2003), num primeiro momento, definem poder como capacidade, possibilidade de fazer algo, derivada de um elemento físico ou natural, ou ainda, conferida como uma autoridade institucional. Como exemplo, os autores citam o poder de nomear e demitir.

Num sentido político, poder estaria relacionado ao exercício do domínio, como através da força: poder ditatorial, poder militar e constitucional. Ao citar Montesquieu, os autores instituem a “doutrina dos três poderes”, que estabelece o equilíbrio e a independência dos poderes executivo, legislativo e judiciário em um Estado, que deve agir de forma autônoma e livre para que se preserve a harmonia política.

Pode-se, também, definir “poder” por meio de uma conceituação sociológica. Johnson (1995) discute que poder, em termos sociológicos, pode ter diversos significados, no entanto, o autor cita que o mais comum é a definição de Max Weber, que elucida poder como a capacidade de controlar indivíduos, eventos ou recursos, ou seja, fazer aquilo que a pessoa quer, mesmo que haja obstáculos, resistência ou oposição. Johnson lembra que o poder também pode ser utilizado de maneiras mais sutis e indiretas como a capacidade de não agir

diante de uma situação, bem como moldar crenças e valores de outras pessoas, através, por exemplo, do controle da mídia.

Bottomore e Outhwait (1996) definem poder como a capacidade de produzir ou contribuir para resultados. Ou seja, fazer com que ocorra algo que faça diferença no mundo por meio das relações sociais. Ao citar Hannah Arendt, o autor explica as relações de poder como essencialmente cooperativas, o poder como capacidade humana de atuar em harmonia.

Foucault (2003) institui que o poder é algo que circula e funciona em cadeia. Ele não estaria localizado nas mãos de alguns, não está ligado à riqueza ou localizado em um determinado ponto específico da estrutura social. Então, para o autor, o poder funciona e se exerce em rede, ou seja, todos os indivíduos da sociedade exercem o poder e sofrem sua ação.

O autor ainda rejeita a ideia de que o poder é totalmente violento e repressivo, sendo assim, para ele, o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza, uma positividade. O poder tem como alvo o corpo humano, não para mutilá-lo, mas, adestrá-lo. O poder não é uma mercadoria, não estaria totalmente relacionado com o modelo econômico. Para Foucault, trata-se de algo que funciona em cadeia e deve ser analisado como algo que circula - que não está concentrado apenas nas mãos de um indivíduo. O poder ajuda a estruturar a sociedade e a manter hierarquicamente organizada. O poder pode gerar um contra poder, por isso ninguém o exerce sozinho. Desta maneira, o autor estabelece que o poder se encontra nas esferas sociais como: na família, na mídia, nas práticas culturais, nas instituições etc.

Bourdieu (1998), ao esclarecer sobre as relações de poder, diz que há um poder simbólico, que está por toda parte e que é invisível, ou seja, é um poder oculto – diferente do poder do Estado ou ligado a algum aparelho de repressão. O poder simbólico atua como se fosse natural (não há coerção) – inconsciente, o que remete a uma violência simbólica, isto é, camufla os processos de dominação como se fossem naturais – escondem os processos históricos e sociais que deram origem as formas de dominação. Nesse sentido, o autor estuda como a escola reproduz as desigualdades sociais. O autor procura entender como é exercida a violência simbólica – uma violência em que há um consentimento por parte dos grupos dominados, como por exemplo, consumo, campanhas publicitárias, imposição de padrões de comportamento, segmentos populares que sofrem violência simbólica e incorporam formas de dominação. O autor, então, argumenta que por meio do poder simbólico pode-se transformar a visão do mundo e que o poder simbólico nada mais é que uma forma transformada, isto é, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder.

Ao tratar sobre a noção de campo e as disputas de poder, Bourdieu evidencia que o campo é um espaço estruturado, no qual os agentes interagem e competem por uma posição que os projetam como detentores de poder – simbólico e os permitem exercê-lo. O campo, para o autor, consiste em um espaço de conflito – desenvolvendo lutas para conseguir o monopólio sobre uma espécie específica de capital (material, simbólico e social), edificando assim, uma autoridade ou poder legítimo. Configura-se como um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas que demarca o espaço de luta pela definição das regras do jogo inerentes às relações sociais.

Bourdieu aborda que, por meio do *habitus*, é possível que o indivíduo construa suas visões de mundo e acumule certo capital social e poder simbólico. *Habitus* pode ser entendido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquiridos em experiências práticas e vividas (políticas, culturais, econômicas, familiares, educacionais, etc.), que orienta funções e contribui para que o indivíduo possa agir no cotidiano. Por meio do *habitus*, os agentes sociais sabem como agir e o momento certo para colocar em prática suas ações.

Ao relacionar intelectuais e poder, Bobbio (1997) esclarece que as relações entre intelectuais e poder nunca foram relações pacíficas, já que os homens do poder sempre tiveram consciência da diversidade dos fins de que os filósofos e políticos perseguem e ainda, quando se encontram diante da oposição dos intelectuais, tentam impedi-los de causarem prejuízos.

Ao citar Coser (1965), Bobbio (1997) agrupa as possíveis relações entre intelectuais e poder: 1) os próprios intelectuais estão no poder; 2) os intelectuais exercem sua influência sobre o poder estando fora dele, elaborando propostas que poderão ou não ser acolhidas, mas que eles próprios consideram úteis para melhorar as relações de convivência pela atividade política, ou fornecendo informações históricas, econômicas e técnicas aos políticos para torná-las menos causais e arbitrarias; 3) os intelectuais desempenham a função de legitimar o poder constituído; 4) os intelectuais adotam uma postura constante de crítica do poder, são por vocação os antagonistas do poder, seja qual for a forma assumida pelo poder. O autor ressalta que os intelectuais também exercem o poder, já que ao transmitir uma ideia podem influenciar uma massa.

Segundo Bobbio, o poder ideológico é o poder que os intelectuais dispõem e pode-se expandir através dos livros, debates, rádio, televisão e do discurso, podendo influenciar o comportamento de quem lê ou escuta, para induzi-lo a agir mais de um modo que de outro. O

principal meio do poder ideológico é a palavra - a expressão de ideias por meio da imagem e das palavras.

Como os meios de comunicação de massa desempenham papel fundamental na contemporaneidade, há um rico filão de análises que os conectam ao debate sobre poder. É dos *mass media* e das novas tecnologias de comunicação que provêm grande parcela das informações. O público está exposto a todo tipo de conteúdo: economia, política, publicidade, fofocas, notícias científicas, dentre outras. Os meios de comunicação promovem alterações na gestão do tempo cotidiano; as informações chegam para o público de forma instantânea, promovendo também novos sentidos e interações. Em relação à política, os *mass media* alteraram as formas do discurso, a relação entre representantes e representados e até as vias de acesso para a carreira pública. Desta forma, pode-se dizer que a mídia possui um forte poder de persuasão e que os meios de comunicação de massa são utilizados como aparato para os intelectuais expressarem suas ideias e convencerem a massa, por exemplo, é o que ocorre durante as campanhas eleitorais, em que os políticos recebem apoio de intelectuais, que por sua vez, propagam suas ideias através dos *mass media*.

Nesse sentido, Gomes (2004) afirma que a política contemporânea se estabeleceu numa estreita relação com a comunicação de massa. O autor argumenta que os agentes políticos tendem a atuar para a esfera da visibilidade pública, controlada pela comunicação, que grande parte da política se encena nos meios, linguagens, processos e instituições da comunicação de massa. Ele frisa que as estratégias eleitorais e políticas supõem uma cultura centrada no consumo de imagens públicas e tais estratégias, para serem eficientes, necessitam dos recursos de marketing. Desta forma, Gomes (2004) argumenta que a política perdeu a sua autenticidade. Isso porque o campo político é cada vez mais técnico, profissional e científico, além de a comunicação política de massa supor planejamento, previsão e controle. Assim, Bobbio argumenta que o intelectual deve ter consciência das ideias que está transmitindo, quando decide torná-las conhecidas do público. Eles devem levar em conta a ocasião e o público a que se dirigem. Por exemplo, se os intelectuais utilizam como meio técnico para disseminar suas ideias os meios de comunicação de massa, eles devem se adaptar a gramática da mídia, utilizando frases curtas e linguagem simples.

2. A Interface entre o Campo da Política, Mídia e Intelectuais

Um campo social constitui uma esfera de legitimidade – atos de linguagem, discursos e práticas. Nesse sentido, Rodrigues (1990) estabelece que um campo social não funciona

com o mesmo ritmo e idêntica intensidade. Por exemplo, o campo político pode funcionar de maneira acelerada e intensa por ocasião de uma revolução política ou de um processo eleitoral. “É no decorrer da aceleração do seu ritmo de funcionamento que um campo social se formaliza e aumenta sua visibilidade simbólica” (RODRIGUES, 1990, p. 148).

Rodrigues (1990) afirma que as diferentes mídias – rádio, televisão, internet, jornal e outras passaram a integrar o que ele denomina de campo midiático. Ele diz ser um campo próprio, que tem o papel de servir de mediador da vida social e está em constante ligação com outros campos sociais numa relação de mútua interferência.

O autor explica que a comunicação não é apenas um instrumento que proporciona conhecimento dos fatos. Ela está relacionada com a constituição de uma esfera pública em que ocorrem as interações sociais e os atores vão ganhando visibilidade e legitimando suas ações e discursos.

Em relação ao campo político, Bourdieu (1998) informa ser entendido como um campo de forças e um campo de lutas que tem por objetivo transformar a relação e forças que confere a este campo a sua estrutura. Para o autor, o campo político é o local em que se geram produtos políticos, problemas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos entre os agentes envolvidos. Os produtos oferecidos pelo campo político, segundo Bourdieu, são instrumentos de percepção e de expressão do mundo social; no entanto, a concentração do capital político, nas mãos de um pequeno grupo, limita a participação ativa na política e diminui as opiniões numa população determinada, uma vez que como enfatizado, os produtos concentram-se nas mãos de poucos. Dessa forma, o autor aborda que o campo político exerce de fato uma censura ao limitar o discurso do universo político.

Bourdieu (1998) manifesta que, no campo político, há de fato um jogo político, ou seja, um universo de técnicas de ação e de expressão que é oferecido em um dado momento. Nesse caso, os agentes políticos utilizam técnicas para construir a sua imagem perante os outros. Eles oficializam, legitimam e explicitam os discursos e evidenciam uma expressão objetiva. Para o autor, ao tratar sobre matéria de política, os meios de produção propriamente políticos concentram-se nas mãos de profissionais, a política seria como a arte e só os profissionais que possuem uma competência específica pode obter sucesso no jogo propriamente político. Para participar do campo político, é exigida uma preparação especial, ação e pensamento.

Já em relação ao campo intelectual, Bourdieu (1968) diz que é um campo que constitui um sistema de linha de forças, ou seja, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem

podem ser descritos como forças que se dispendo, opondo e compondo, lhe confere sua estrutura específica num dado momento do tempo.

O autor explica que a vida intelectual se organizou em campo intelectual no momento em que os artistas se libertavam economicamente e socialmente da Igreja e da aristocracia, de seus valores éticos e estéticos. Também, na medida em que apareciam os teatros, as associações culturais e científicas.

Ao relacionar intelectuais e classe política, de acordo com Bobbio (1997) pode-se encontrar diferentes pontos de vista: 1) o intelectual não tem uma tarefa política, mas uma tarefa eminentemente espiritual (Benda); 2) a tarefa do intelectual é teórica, mas também, mediamente política, pois a ele compete elaborar a síntese das várias ideologias que dão passagem a novas orientações políticas (Mannheim); 3) a tarefa do intelectual é teórica, mas também imediatamente política, pois apenas a ele compete a função de educar as massas (Ortega); 4) a tarefa do intelectual também é política, mas a sua política não é a ordinária dos governantes, mas a da cultura, e é uma política extraordinária, adaptada aos tempos de crise (Croce). Bobbio argumenta que a tarefa dos intelectuais é a de agitar ideias, levantar problemas, elaborar programas ou apenas teorias gerais, já a tarefa dos políticos é a de tomar decisões.

Segundo Bobbio, a assinatura de um manifesto é uma das formas pelas quais muitos assumem e expressam publicamente o engajamento político. O manifesto tornou-se a forma típica do protesto dos intelectuais. Por meio dos manifestos, os intelectuais assumem a função de iluminar a opinião pública diante de um fato. O intelectual então seria um protetor dos valores superiores. O autor acredita em uma política da cultura, isto é, uma política dos intelectuais distinta da política ordinária. Para ele, os manifestos são atos de política ordinária, ou seja, equivocada. Para alcançar a política da cultura, o autor propõe diversas ações como: uma participação sempre ampla e universal com respeito à diferença de partidos, ideologias, filosofias e concepções do mundo; a imparcialidade do juízo; a renúncia à vantagem das consequências imediatas.

É importante ressaltar que, durante as campanhas eleitorais, é comum a assinatura de manifestos por parte de intelectuais em apoio a uma determinada candidatura. Apesar de que Bobbio não ver tal ato como positivo e sim como uma política ordinária, é necessário ressaltar que eles são utilizados em prol de uma candidatura, a fim de chamar atenção do eleitor e receber mais adeptos. Além disso, o meio de divulgação do mesmo são os meios de comunicação de massa, especialmente o meio *online*. Assim, pode-se observar que cada

campo tem as suas especificidades; no entanto, estão em constante ligação. Um campo possui uma dependência em relação a outro campo.

3. O Ethos Intelectual: os Diversos Tipos de Intelectuais

Para Bobbio (1997), os intelectuais sempre estiveram presentes na sociedade. Atualmente chamam-se intelectuais aqueles que em outros momentos foram denominados de sábios, *philosophes*, literatos, *gens de lettre*, escritores, sacerdotes, clérigos. O autor explica que falar da “morte dos intelectuais” é um erro, isso porque, aumentaram as sociedades pluralistas, como também aumentaram os meios com os quais o poder ideológico pode se manifestar e expandir. O principal meio do poder ideológico é a palavra, a expressão de ideias por meio da palavra e a imagem. Segundo o autor, o poder ideológico é o poder que os intelectuais dispõem e pode se expandir através dos livros, debates, rádio e televisão, do discurso, podendo influenciar o comportamento de quem lê ou escuta, para induzi-lo a agir mais de um modo que de outro.

Bobbio (1997) afirma que quem fala dos intelectuais, torna-se naquele momento um intelectual, assumindo a função do mesmo, ainda que não consciente desse papel. Para o autor, quando os intelectuais falam dos intelectuais estão falando, na realidade, de si próprios, das ideias e pensamentos que compartilham.

Os intelectuais são aqueles que não fazem coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, seu instrumento de trabalho não são as máquinas, mas ideias. São considerados como: criadores, portadores, transmissores de ideias. Na acepção de Bobbio, os intelectuais constituem um grupo de homens não políticos, conhecidos por sua atividade literária, que tomam posição como homens de letras com respeito a uma prevaricação do poder político e combatem a razão do Estado, defendendo a verdade da qual se consideram os depositários e os defensores contra a ‘mentira útil’.

Para Reis Filho (2000), o intelectual não é necessariamente um homem das ‘letras’, mas personagens culturais – criadores, mediadores, divulgadores, aqueles que estão sempre situados como pessoas políticas. São homens de ideias, que desempenham uma função na sociedade e tem um interesse coletivo. Já, para Gramsci (2001), todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. “Todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um filósofo, um artista [...], contribui assim para manter ou modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar” (GRAMSCI, 2001, p. 53).

Bobbio está preocupado com a tarefa política do intelectual e classifica dois tipos de intelectuais: os ideólogos e os expertos. O que distingue um do outro “é a diversa tarefa que desempenham como criadores ou transmissores de ideias ou conhecimentos politicamente relevantes, é a diversa função que eles são chamados a desempenhar no contexto político”. (BOBBIO, 1997, p.72).

Para o autor, os ideólogos são aqueles que fornecem princípios-guia (precisamente ideologias), elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, aceita em sentido forte. Já os expertos são aqueles que fornecem conhecimentos-meio (técnicos), indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem com que a ação que a eles se conforma possa ser chamada de racional segundo o objetivo. Os ideólogos deveriam obedecer à ética da convicção, já os expertos à ética da responsabilidade. O dever dos primeiros é o de serem fiéis a certos princípios, já dos segundos é o de propor meios adequados ao fim e levar em conta as consequências que podem derivar dos meios propostos. É importante ressaltar que não há ideólogo que não recorra aos conhecimentos técnicos para elaborar os seus princípios e não há experto que não deva ter alguma ideia dos fins para dar um sentido às suas análises.

Outra categoria de intelectuais que se pode encontrar é a estabelecida por Gramsci (2001). O autor define duas categorias de intelectuais: o orgânico e o tradicional. O intelectual orgânico é aquele que provém de sua classe social de origem e a ela mantém-se vinculado ao atuar como porta-voz da ideologia e interesse de classe. Eles legitimam o interesse de uma classe. Já o intelectual tradicional é o homem das letras, ele pode ou não se engajar em uma determinada causa, não defende necessariamente interesses.

4. Uma Análise do Papel dos Intelectuais na Legitimação da Candidatura de Dilma Rousseff à Reeleição de 2014

4.1 Metodologia de análise

Para desenvolver o presente artigo, utiliza-se como base a Análise de Conteúdo. Parte-se da compreensão de Bardin (1977), que compreende a análise de conteúdo como um método que aplica tanto técnicas quantitativas como qualitativas e visa obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitem ao pesquisador fazer inferências sobre o objeto investigado. É feita em três etapas: (a) pré-análise do material coletado; (b) fase de categorização e (c) fase de inferências. Como *corpus* de análise é utilizado primeiramente o manifesto de artistas e intelectuais

disponível em <<http://manifesto.dilma.com.br/>>. Essa escolha deve-se ao fato do manifesto ter tido grande repercussão na mídia e ter tido mais de 30 mil assinaturas. Também foi realizada uma busca no site oficial da candidatura de Dilma Rousseff -dilma.com.br, na aba imprensa e posteriormente em multimídia – vídeos, digitou-se a palavra-chave “apoio”. A partir disso, foram selecionados vídeos que correspondiam ao apoio de intelectuais à reeleição de Dilma Rousseff. Como foram encontrados mais de cinquenta vídeos, neste artigo foram selecionados apenas alguns categorizados como: a) o apoio dos intelectuais do universo artístico e cultural; b) os intelectuais do universo acadêmico; c) os intelectuais dos movimentos sociais e das minorias; d) os intelectuais do universo de especialista.

A partir dessa seleção, pretende-se verificar o conteúdo presente no manifesto e nos vídeos, bem como, verificar quem são os intelectuais das diferentes esferas da sociedade que apoiaram Dilma Rousseff e que justificativa eles utilizaram. Parte-se da hipótese de que os intelectuais enfatizarão que o país está bom e pode ficar ainda melhor, caso Dilma vencesse as eleições e que, eles enfatizarão as características personalistas da candidata como justificativa de voto.

4.2 Conjuntura política

A eleição para Presidente da República em 2014 foi acirrada. Ao todo, onze candidatos disputaram o poder, são eles: Dilma Rouseff (PT), Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB), Luciana Genro (PSOL), Pastor Everaldo (PSC), Eduardo Jorge (PV), Levy Fidelix (PRTB), Zé Maria (PSTU), Eymael (PSDC), Mauro Laci (PCB) e Rui Costa Pimenta (PCO). No primeiro turno, os eleitores foram às urnas no dia cinco de outubro. Ao todo foram 80,61% votantes e 19,39 % ausentes. Os votos válidos somaram 104.023.802 (90,36%), os nulos corresponderam a 6.678.592 (5,80%) e os brancos 4.420.489 (3,84%). Os candidatos mais votados foram Dilma (41,59%), Aécio Neves (33,55%) e Marina Silva (21,32%). Dilma e Aécio disputaram o segundo turno.

O segundo turno ocorreu no dia 26 de outubro. Ao todo foram 78,90% votantes e 21,10% ausentes. Os votos válidos somaram 105.542.273 (93,66%), os nulos corresponderam a 5.219.787 (4,63%) e os brancos 1.921.819 (1,71%). Dilma venceu as eleições com 51,64% e Aécio recebeu 48,36% dos votos.

4.3 O manifesto de artista e intelectuais em prol da reeleição de Dilma Rousseff

O manifesto em apoio à reeleição de Dilma Rousseff em 2014 foi intitulado “A primavera dos direitos de todos: ganhar para vencer”, e, ao todo, recebeu mais de 30 mil assinaturas de intelectuais de diferentes esferas da sociedade. A principal justificativa para tal apoio é que o Brasil mudou e poderia mudar ainda mais, caso Dilma fosse reeleita.

Logo no início há um ataque aos adversários. É enfatizado o Brasil que existia antes dos governos do PT, vinculando o país ao desemprego, miséria, pobreza e humilhação. Por outro lado, depois do PT, é mostrado um Brasil que superou tais problemas e teve significativos avanços sociais. Por isso, a mudança, conforme o manifesto, geraria riscos para os brasileiros. Dessa forma, é descrito no manifesto que é essencial assegurar as transformações que ocorrem no país, que só assim o Brasil poderia seguir no rumo certo e se tornar um país mais soberano, menos injusto, menos desigual e mais solidário.

No manifesto, também são enfatizadas questões relativas à economia do país. Nesse sentido, novamente ataca os governos passados, dizendo que eles tinham um modelo econômico que privilegiava a elite e não beneficiava os programas sociais. O manifesto reconhece que o país necessita de mudanças, como revelaram as manifestações de rua, consolidando e aprofundando mudanças na educação, saúde, agricultura, meio ambiente, ciência e tecnologia e outras áreas. Porém, mostra que o país precisa mudar avançando e não recuando com os ‘fantasmas do passado’. O caminho da primavera de todos os brasileiros seria então, o iniciado por Lula e continuado por Dilma.

4.4 Os intelectuais do universo artístico e cultural

Dilma recebeu o apoio de diversos intelectuais do universo artístico e cultural. Dentre eles, destaca-se o músico brasileiro Chico Buarque. O músico enfatizou que votaria em Dilma porque a respeitava e a admirava e acima de tudo confiava na sua sensibilidade e no seu compromisso com os mais pobres. “Eu voto nela porque com ela eu tenho a certeza de que os programas de inclusão social serão mantidos, aprimorados e aprofundados” (BUARQUE, 2014). Chico Buarque disse que em 2010 votou na Dilma por causa do seu padrinho político – Lula, mas que em 2014 votava na Dilma, por causa da Dilma.

A cantora e compositora Beth Carvalho também apoiou Dilma. Para ela, Dilma seria a candidata ideal, uma vez que se preocupava com os mais pobres, com as pessoas menos favorecidas e porque fez um excelente governo. “Ela é uma mulher que tem o coração valente

e eu gosto dela e voto nela”. (CARVALHO, 2014). Outra cantora e compositora que apoiou Dilma foi Alcione. Ela declarou que, sem dúvida, votava em Dilma, já que queria a continuidade para as coisas boas que estavam sendo feitas no país como os investimentos em saúde e educação. Elza Soares, cantora e compositora, também apoiou Dilma. “Time que se ganha não se mexe. Eu como brasileira, como mulher, voto na Dilma”. (SOARES, 2014).

4.5 Os intelectuais do universo acadêmico

Marilena Chaui apoiou Dilma. Para ela, Dilma Rousseff tinha qualidades, como ser forte, corajosa, a mulher que não se dobra perante nada. A mulher que conduzia o país de uma maneira perfeita, segura e que mantinha sempre o país no rumo certo. Dilma também recebeu o apoio de diversos professores. Por exemplo, a professora do IFRN, Aparecida Fernandes, indagou que há um profundo investimento em políticas sociais, em que toda uma geração, diferentemente da dela, estava tendo acesso à universidade e às oportunidades de pesquisa, extensão e ensino técnico de qualidade.

O sociólogo Muniz Sodré, por sua vez, disse votar em Dilma porque os opositores são um retrocesso civilizatório. Para ele, a Dilma parece ser a melhor solução, porque ele votava no que vai para frente. Já Ludemar Solis, especialista em educação, justificava que a redução do analfabetismo no Brasil era uma prova que o país seguia no rumo certo. Outro apoio foi o da professora Carolina Corado. Ela enfatizou que, graças ao governo de Dilma, ela estava na Finlândia, país reconhecido mundialmente pelos excelentes índices educacionais, aprendendo novas metodologias de ensino, por meio do programa “Professores pelo Futuro”. “É pela minha história de vida, pela história de milhões de brasileiros que acreditam que a educação é a força transformadora desse país que eu voto 13”. (SOLIS, 2014).

4.6 Os intelectuais dos movimentos sociais e das minorias

Quanto a representantes dos movimentos sociais e das minorias, destaca-se o apoio da mãe de santa Beatriz Moreira Costa, que também declarou apoio à Dilma. Ela disse que estava levando o seu axé, a força de todos os deuses da natureza, em nome da questão ambiental, em nome de todos os excluídos da sociedade, em prol da vitória de Dilma. “Vamos para frente minha amiga, minha irmã, grande guerreira. A luta é agora e não podemos parar. Nossa luta é com a fé e com amor”. (MOREIRA, 2014).

Denise Romano (SIND-OTE) disse não votar em Aécio, porque ele destruiu a carreira dos educadores de MG. Os educadores da rede estadual passavam fome e tinham o salário mais baixo do país. Já Luiza Lafetá, da União da Juventude Socialista, não votava em Aécio, porque ele defendia abertamente a redução da maioria penal, e segundo ela, lugar de jovem é nas escolas e nas universidades.

4.7 Os intelectuais do universo de especialistas

Os especialistas também declararam apoio à candidatura da petista Dilma Rousseff. Ela recebeu apoio de especialistas da educação, saúde, política, economia etc. Por exemplo, o deputado federal Alessandro Molon enfatizou que votava em Dilma porque desejava que o Brasil continuasse mudando para melhor, que o Brasil continuasse se tornando cada vez mais um país desenvolvido, justo, solidário e fraterno. Já o médico do SUS Bruno Pedralva esclareceu que não votaria em Aécio Neves, porque ele desviou 7,6 bilhões de verba que deveria ir para saúde e não foi, e que se Aécio fosse eleito, seria o fim dos programas destinados à saúde. O economista e ativista social, João Pedro Stédile, declarou que o Brasil precisa de mudança para melhorar a vida do povo e que Dilma seria a ideal para continuar realizando reformas no país.

Considerações Finais

Ojeda (2004) afirma que os ambientes onde estamos inseridos são dirigidos por poderosas ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado. Segundo ela, tais verdades são instituídas através de ferramentas como a linguagem, as narrativas e os textos. Nesse contexto, os políticos utilizam como aparato os meios de comunicação de massa, como ferramenta poderosa para divulgar suas propostas e ações, a fim de conquistar o eleitorado. É nesse contexto também, que os políticos contam com o apoio de intelectuais de diferentes camadas da sociedade, para que ele exerça o poder ideológico, a fim de convencer a população a votar em um determinado candidato e não em outro. Assim, pode-se confirmar a ideia de Bobbio (1997) de que os intelectuais exercem sua influência sobre o poder, estando fora dele, elaborando propostas que poderão ou não ser acolhidas, mas que eles próprios consideram úteis para melhorar a sociedade.

Dizer sobre a morte dos intelectuais é um erro. Eles sempre estiveram presentes na sociedade e sempre vão estar ao partir da ideia de Gramsci (2001), de que todos os homens

são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectual, podendo assim, ora exercer a função de um intelectual, ora ser apenas um homem comum. Os intelectuais refletem sobre as coisas, são os homens das ideias, são considerados como criadores, portadores e transmissores de ideias. Assim, pode-se afirmar que as pessoas que assinaram o manifesto e participaram dos vídeos em prol da candidatura de Dilma Rousseff podem ser consideradas naquele momento como intelectuais. Uma questão a ser estudada é em relação à ética. Um intelectual, ao assumir uma posição, ele estaria cumprindo o seu papel de intelectual? Ou estaria praticando uma política ordinária? Então, seria possível uma isenção ideológica? Seria possível alcançar a política da cultura proposta por Bobbio? Essas questões podem ser estudadas e refletidas posteriormente em outros estudos.

Por fim, é importante ressaltar, que a hipótese adotada nesse trabalho de que intelectuais enfatizarão que o país está bom e pode ficar ainda melhor, caso Dilma vencesse as eleições e que, eles enfatizarão as características personalistas da candidata como justificativa de voto confirma-se. Observa-se que os intelectuais mostram que a mudança geraria riscos para o futuro do país e que votam em Dilma não pelo Partido dos Trabalhadores (PT), mas pelas suas características pessoais como guerreira, corajosa, mulher e honesta.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1997.

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE William. *Dicionário do pensamento social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Campo intelectual e projeto criador*. , em Pouillon, J. et al. (orgs.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Organização e Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio Educativo. Jornalismo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de filosofia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

JOHSON, A. G., *Dicionário de sociologia*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1995.

REIS FILHO, Daniel Aarão (org). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

ROUSSEFF, Dilma. Beatriz Moreira Costa apoia Dilma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HVUfTProcaM>>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Chico Buarque é Dilma 13. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v21ubIZWK0Y>>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Deputado Federal Alessandro Molon apoia Dilma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v7SnNAR01o4>>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Eu voto na Dilma! Artistas e Intelectuais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ajmCOTx_ArQ>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. João Pedro Stélide, economista e ativista social, apoia Dilma . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OL0ce_cDNiI>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Manifesto de artistas e intelectuais. Disponível em: <<http://manifesto.dilma.com.br/>>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Marilena Chaui declara apoio a Dilma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z5WsMIpGMX0>>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Movimentos Sociais de Minas com Dilma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P3KOfMbXvVc>>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. O sociólogo Muniz Sodré apoia Dilma. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s8Rs_Kd0HRg>. Acesso em 22 de jan. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. Os professores estão com Dilma. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=44GrBHa8ehg>>. Acesso em 22 de jan. 2014.